A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA OS ESTUDOS ÉTNICOS NO BRASIL: BALANÇO TEÓRICO-CONCEITUAL

WASHINGTON SANTOS NASCIMENTO

RESUMO: Este artigo tem por propósito fazer uma discussão sobre a Teoria das Representações Sociais e sua importância para os estudos étnicos no Brasil. Partindo de autores como Pierre Bourdieu, Homi Bhabha e Stuart Hall, pretende-se contribuir para o aprofundamento da discussão teórico-conceitual e possibilitar a construção de categorias instrumentais para a pesquisa na área das ciências humanas, particularmente no que se refere às pesquisas sobre as representações sociais sobre os negros.

Palavras-Chave: Estudos Étnicos; Representações Sociais;Negros.

ABSTRACT: This article has the intention to make a discussion on the theory of social representations and its importance for ethnic studies in Brazil, mostly from authors such as Pierre Bourdieu, Homi Bhabha and Stuart Hall. It is intended that way contribute to the deepening of theoretical and conceptual discussions and enable the construction of categorical instrumental for research in the field of human sciences, particularly with regard to discussion on the representations about the blacks

Key Words: Ethnic Studies; Social Representations; Blacks.

1 INTRODUÇÃO

A promulgação da Lei 10639/2003[1], discussão sobre cotas para alunos negros nas universidades publicas brasileiras e titulação de terras de comunidades ditas remanescentes de quilombo, tem trazido á tona um intenso debate publico sobre a questão étnico-racial no Brasil. A questão maior é saber quem é negro em um pais tão fortemente marcado pela mestiçagem. Para Roberto da Matta (1997) Yvonne Maggie (2005) e Peter Fry (2008) a identidade brasileira é marcada pela "mistura" atitudes binaristas (brancos e negros) não corresponderiam a nossa realidade.

Entretanto, pergunta Kabengele Munanga (2002), qual seria o ganho de termos uma identidade nacional mestiça num País onde o branco serve de referencia para tudo[2]?. Segundo Ricardo Ferreira (2000) a idéia de uma identidade mestiça, a "morenidade" brasileira é um recurso simbólico de fuga de uma realidade em que o racismo e a discriminação são constantes[3]. A miscigenação tem servido assim de argumento para afirmar o quanto o brasileiro "aceita" a convivência entre as diferentes "raças" existentes em nosso País, ou seja, o fato de que não há preconceito racial no Brasil. Nesse sentido o corpus que a idéia de miscigenação traz, serve para escamotear o racismo, fortemente presente na realidade brasileira, e atentar contra a identidade negra.

Creio que uma das contribuições que poderia ser dado a esse debate é discutir como na realidade cotidiana da população afrobrasileira (mestiços e negros) historicamente foram construídas pelos "brancos" e por eles mesmos as representações sobre o "ser negro" e o "ser do negro[4]".

Essa tem sido uma preocupação desde o trabalho pioneiro de Gilberto Freire (1931) "*O* escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX" *em que ele buscava uma i*nterpretação antropológica de "características de personalidade e de deformações de corpo de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado", através de jornais do século XIX.

Indo nessa mesma perspectiva Lilia Moritz Schwartz (1987) e seu estudo das maneiras que brancos representavam o escravo em Jornais paulistanos dos finais do século XIX e Célia Marinho de Azevedo (1987) e seu trabalho sobre as representações sobre o negro no imaginário das elites nos primeiros anos após a abolição da escravatura. Mais contemporaneamente e saindo da discussão mais centrada no escravo o trabalho de Gislene dos Santos (2002) em seus estudos que "naturalizaram a inferioridade do negro".

Creio que o avanço nessa discussão se dê a partir na analise da discussão sobre a constituição étnica desse "branco" que representa o "negro". Mesmo entendendo que esse "branco" é mais um "lugar social" do que uma "cor" creio que ampliaríamos nossa visão sobre a realidade étnico-racial do Brasil se analisássemos

epistemologicamente esse "branco" como sendo fruto do contato entre brancos, negros e índios. Um outro avanço é tentar apreender de que maneira os negros/ mestiços representavam a si mesmos e a seus "iguais" em sua realidade cotidiana, para tentar assim perceber de que maneira o construto social de matriz "branca" era representado pelos negros[5]. Nesse sentido a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida a partir de Emile Durkheim, apresenta-se como um importante substrato teórico-metodológico para as pesquisas no campo étnico-racial brasileiro.

2 O "OUTRO-HOMOGENEIZADO": REPRESENTAÇÕES, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E AMBIVALÊNCIAS.

Representação social é um conceito que no campo da filosofia significa "[...] a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento". (MINAYO, 1995, p. 89). Adotada pelas ciências sociais, é definida como "[...] categorias que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a". (MINAYO, 1995, p. 89).

Os primeiros teóricos a trabalharem de maneira explícita com o conceito de representação social foram Émile Durkheim (1976) e Marcel Mauss (2003). Preferindo a terminologia "Representações Coletivas", Durkheim (1976) diz que existem determinadas categorias de pensamento por meio das quais certas sociedades elaboram e expressam a sua realidade. Seria uma forma de manter o grupo social coeso, bem como suas proposições para o mundo, mediante imagens, normas, ritos, discursos e instituições.

Indo ao encontro de Durkheim, Mauss (2003) mostra que a sociedade se exprime simbolicamente em suas instituições e costumes por meio da linguagem, da arte, da magia e das crenças. Assim seria objeto das ciências sociais tanto o "fato social total" quanto a sua representação, sem, entretanto, reduzir a realidade apenas à percepção que os homens têm a respeito dela.

Contemporaneamente, o termo possui vários significados, em decorrência da existência de outras categorias similares, tais como "imaginário", "imaginação", "mentalidades" etc. Para Francisco Falcon (2000), as representações são vistas, pelo paradigma "moderno", como um discurso produzido pela constatação de uma realidade e, pelo "pós-moderno", elas podem ser associadas ao próprio objeto do conhecimento.

Para os "modernos", a questão se coloca em termos epistemológicos, ou seja, é um conceito por meio do qual se pode analisar um fenômeno social concreto; é também uma categoria inerente ao conhecimento histórico de uma "realidade[6]". Para os pós-modernos, essa categoria mostra a impossibilidade de ter um

conhecimento "histórico" do mundo, ou seja, o "real" como um "objeto" não existe, apenas suas representações[7].

Tomando posição nesse debate, adoto a perspectiva "moderna" do que sejam as representações: elas partem do real, mas não se confundem com ele; constroem-se com base em várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes de classificação e ordenação do próprio mundo social.
Apesar de não ter conceituado explicitamente e de não ter estudado acerca da questão étnico-racial[8], creio que Bourdieu (2004, 2005, 2007a, 2007b) constitui-se em um referencial válido para entender de que maneira grupos distintos em situações de conflito social representaram a si mesmos, aos "outros" e as suas práticas culturais.

Para Bourdieu, as representações sociais são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Assim não seriam discursos neutros, pois tenderiam a impor determinada visão de mundo, que implicaria em condutas e escolhas. A idéia contida nas suas obras contribui para a formulação renovada do estatuto do real não mais entendido como oposto a representações. Segundo ele, era preciso incluir no real as representações do real, pois "[...] a representação que os indivíduos e os grupos exibem inevitavelmente através de suas práticas e propriedades faz parte integrante de sua realidade social". (BOURDIEU, 2007, p. 447).

As "lutas de classificação[9]" teriam tanta importância quanto as lutas econômicas e nelas estaria em disputa

> [...] o poder de impor uma visão de mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõe ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade dos grupos. (BOURDIEU, 2004, p.113).

Se existe a necessidade de uma luta de classificações é porque há uma fissura grande no meio social, ou seja, ele é complexo, nuançado e ambíguo, o que "exige" uma representação que dê conta de normatizar aquele universo social, que, de alguma forma, diga: "é isso" e não "aquilo". Nesse sentido, essas lutas de classificações imporiam uma identidade grupal única e coesa, ou seja, um "outro – homogêneo", idealizado que de fato nunca existiu.

Outro conceito da obra de Bourdieu que ajuda a compreender particularmente as representações feitas pelo "branco" (ou a partir da ideologia do branqueamento) sobre o "negro" é a idéia de "violência simbólica", ou seja, a dominação de um grupo sobre outro por meio de símbolos e de palavras. Segundo

ele, essa violência (e o poder engendrado por ela) impõe significações como sendo legítimas, "[...] dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica a essas relações de força". (BOURDIEU, 2007b, p. 25).

As lutas de representações ("lutas de classificações") podem ser percebidas no momento em que a população afro-descendente se manifesta em relação às representações feitas sobre ela, sobretudo quando se trata de disputas no universo cultural[10].

Igualmente importantes para a nossa discussão são os autores dos estudos culturais ingleses, marcadamente Stuart Hall (2003 e 2005) e Homi K. Bhabha (1998). Para o primeiro, "Os sistemas de representação são os sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros" (HALL, 2003, p.169). Para ele, esses sistemas não são únicos; existe uma diversidade deles em quaisquer formações sociais, são, portanto, plurais. Como veremos ao longo do texto, associadas e articuladas às representações do "negro", estavam as representações de "mulheres", do "civilizado" etc.

Para Bhabha (1998), "A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição". (BHABHA, 1998, p.21). Nesse sentido, a "identidade" construída pelas políticas de representação não é um a priori "[...] nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem de totalidade". (BHABHA, 1998, p. 85).

As representações sobre o negro e suas práticas culturais não se explicam sozinhas, isto é, não se explicam sem que pensemos na sociedade que as fundamenta e as cria. Na perspectiva de entender esses autores, é possível enfatizar a função política das representações como sendo a tentativa de legitimação de uma ordem com a sanção de um regime de dominação e a contraposição a essa tentativa pelo grupo "subordinado". Assim, penso esse negro-mestiço como um agente político, que, mesmo em uma situação de desigualdade, se manifestava politicamente e criava estratégias diferenciadas para confrontar ou dialogar com o mundo do "branco".

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco:** o negro no imaginário das elites - século XIX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção:** crítica social do julgamento, Porto Alegre: Editora Zouk, 2007b

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 2005.
BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução** – elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007a
DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, Rocco.1997.
DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 1976.
FALCON, Francisco. J. C. História e representação. In: Ciro Flamarion Cardoso e Jurandir Malerba. (Org.). **Representações contribuição a um debate transdisciplinar**. São Paulo: Papirus, 2000, v. , p. 41-79.
FERREIRA, Ricardo. Franklin. Afrodescendente: identidade em construção. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/FAPESP/ Pallas, 2000.
FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Brasiliana, 1931.
FRY, Peter. H. . Que imagem do Brasil está por detrás das cotas raciais?. In: Maria do Carmo de Lacerda Peixoto; Antônia Vitória Aranha. (Org.). **Universidade pública e inclusão social:** experiência e imagniação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, v. , p. 139-154
HALL, Stuart. **Raça, Cultura e comunicações:** Olhando para trás e para frente dos estudos culturais In; *Revista Projeto História* . São Paulo: EDUC, 2005.
HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidades e medições culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003
MAGGIE, Yvonne. **Políticas de cotas e o vestibular da UnB ou a marca que cria sociedades divididas?.** *Horizontes Antropológicos*, Rio Grande do Sul, p. 286-291, 2005
MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
MINAYO, M. C. S. de (1995). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs). **Textos em representações sociais.** (2nd ed., pp. 89-111). Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.
MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. *Ethnos Brasil*, revista do NUPE/Unesp, Marília, v. Ano 1, n. 1, p. 11-20, 2002
NASCIMENTO, Washington Santos. **Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA.** São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, (Dissertação de Mestrado) 2008. (Disponível em www.sapientia.pucsp.br)
NASCIMENTO, Washington Santos.Alem do medo: A construção de Imagens sobre a Revolução Haitiana no Brasil Escravista (1791 – 1840). **Revista Especiaria-**

Cadernos de Ciências Humanas. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, Editus, n.18, vol.10, jul/dez. 2007.
SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro.** São Paulo/Rio de Janeiro:. Pallas/EDUC/Fapesp, 2002
SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro:** Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.

NOTAS

[1] A Lei 10639/2003 instituiu o ensino de História da África e da América negra nas redes publica e particular de ensino fundamental e médio de todo o pais. Atualmente essa lei foi reformulada para incluir também a discussão sobre a temática indígena.
[2]Ver MUNANGA, Kabengele. Introdução In: LARKIN Nascimento, Elisa O Sortilégio da cor. Identidade, raça e gênero no Brasil.São Paulo, Selo Negro Edições, 2003.
[3] Ver FERREIRA, Ricardo. Franklin. Afrodescendente: identidade em construção. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/FAPESP/ Pallas, 2000, p. 18.
[4] SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do *ser negro*. São Paulo/Rio de Janeiro:. Pallas/EDUC/Fapesp, 2002 .
[5] Faço essa discussão em NASCIMENTO, Washington Santos. Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA. São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, (Dissertação de Mestrado) 2008. (Disponível em www.sapientia.pucsp.br)
[6] Falcon enumera, entre os autores que se encontrariam nessa tradição iluminista, Baczko, Elias, Bourdieu, Chartier, Ginzburg, etc.
[7] Entre esses Foucault, Veyne, Rorty, Barthes, White, Jenkins etc.
[8] Seus estudos se concentram, sobretudo no debate sobre o campo religioso (2005), a educação (2007b) e os estilos de vida (2007b).
[9] "[...] lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legitima das divisões do mundo social e por este meio, de fazer e de desfazer os grupos" (BOURDIEU, 2005, 113).
[10] Ela pode estar presente também em outros momentos em que fenômenos "perturbadores" acontecem e levam aos "brancos" procurarem uma classificação "lógica" para aquele fenômeno. Um exemplo disso foi à revolução haitiana, a primeira revolução negra das Américas, que pôs o recém formado Haiti, na discussão representacional dos brancos da época. Para uma discussão sobre as representações da Revolução Haitiana ver NASCIMENTO, Washington Santos. Alem do medo: A construção de Imagens sobre a Revolução Haitiana no Brasil Escravista (1791 – 1840). Revista Especiaria-Cadernos de Ciências Humanas. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, Editus, n.18, vol.10, jul/dez. 2007.

Mestre em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC – Vitória da Conquista – BA e Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: washingtonprof@gmail.com